

“ELES DIZEM QUE O MEU IRMÃO É TECLA 3” – A AUTO-ESTIMA E O(S) AUTOCONCEITO(S) DOS IRMÃOS DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Sofia Campos & Francisco Peixoto

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Unidade de Investigação em Psicologia Cognitiva do Desenvolvimento e da Educação¹

sofiaccampos@gmail.com; fpeixoto@ispa.pt

Resumo

O objectivo deste estudo consistiu em analisar possíveis associações entre a auto-estima, o autoconceito e a presença de um irmão com deficiência no agregado familiar. Participaram nesta investigação 24 irmãos de pessoas com deficiência, com idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos. Na recolha de dados foram utilizadas duas escalas: uma para avaliar a auto-estima e o autoconceito (Alves-Martins et al., 1995; Peixoto et al., 1996) e outra para avaliar a percepção da qualidade da relação familiar (Peixoto, 1999). Os resultados obtidos permitiram evidenciar a inexistência de diferenças na auto-estima em função do tipo de deficiência do irmão e da participação em grupo de apoio. Por outro lado, verificou-se a existência de uma associação positiva, entre a auto-estima e a diferença etária entre os irmãos. No que se refere relação entre a percepção da relação familiar e as auto-representações os resultados evidenciaram associações positivas, quer em termos globais, quer relativamente às dimensões específicas dos constructos envolvidos. Concluiu-se que a deficiência, por si só, não é um factor determinante na qualidade da relação familiar, sendo, a adaptação dos membros à condição de deficiência, fundamental para a coesão familiar e manutenção de uma auto-estima elevada.

INTRODUÇÃO

Grande parte das pessoas, em Portugal e no mundo, nasce e cresce junto de um irmão ou de uma irmã. No entanto, a relação que se estabelece entre os irmãos difere de família para família e, apesar de poder ser marcada por rivalidade e conflito, é considerada como uma das relações mais próximas e íntimas que a pessoa cria na infância, adolescência e fase adulta (Buhrmester & Furman, 1990, cit. por Volling & Blandon, 2003).

As relações familiares diferem muito entre si, no entanto e apesar disso, o seu funcionamento altera-se quando ocorrem modificações num dos membros ou no próprio sistema familiar. O nascimento de uma criança com deficiência, por exemplo, sugere um processo de superação e adaptação das expectativas dos pais, até ser instituído um ambiente familiar adequado à inclusão da criança com deficiência (Silva & Dessen, 2001, cit. por Fiamenghi & Messa, 2007). Este processo de ajustamento poderá durar dias, meses ou anos (dependendo das experiências prévias, da personalidade dos membros, das características da criança e da deficiência) e alterar

¹ Esta investigação foi financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do programa POCI 2010

o estilo de vida da família, bem como os seus valores e papéis (Buscaglia, 1997, cit. por Fiamenghi & Messa, 2007).

Baumrind (1991) conceptualiza um sistema de organização das dinâmicas familiares, em torno de duas dimensões: o grau de exigência/controlo e o grau de resposta às necessidades da criança e a auto-regulação. Neste sentido, alguns estudos sugerem que vários irmãos, observados em contextos clínicos, se sentem negligenciados pelos seus pais, em prol de uma maior atenção dada à criança com deficiência (Fisher & Roberts, 1983).

Apesar do impacto que o nascimento de um filho com deficiência acarreta para a dinâmica familiar, a ideia de que as famílias são necessariamente abaladas na sua qualidade de vida, deve ser revista. Núñez (2003, cit. por Fiamenghi & Messa, 2007), numa pesquisa que realizou com famílias com filhos deficientes, conclui que os conflitos familiares não surgem como resultado directo da deficiência mas sim em função das possibilidades da família em adaptar-se a essa condição. Schreiber e Feeley (1965, cit. por Burton & Parks, 1994), nomeadamente, referem que ter um irmão com deficiência pode também apresentar vantagens, uma vez que crescer com um irmão, nestas condições, fomenta uma maior maturidade e sentido de responsabilidade. No mesmo sentido, Cate e Loots (2000, cit. por Fiamenghi & Messa, 2007) defendem que existem aspectos positivos na relação entre os irmãos e a deficiência, como o aumento de maturidade, responsabilidade, altruísmo, tolerância, preocupações humanitárias, senso de proximidade na família, autoconfiança e independência. No entanto, os autores sustentam que os irmãos revelam que se sentem melhor quando a família é mais extensa, as condições sócio-económicas são melhores, os pais têm uma atitude mais positiva face à criança com deficiência, os irmãos são mais novos do que a criança com deficiência, a criança deficiente ainda é nova e a deficiência é menos grave (Fiamenghi & Messa, 2007). No entanto, é possível verificar que os estudos sobre o bem-estar destas crianças apresentam algumas inconsistências nos resultados apresentados. Alguns revelam que as crianças com irmãos com deficiência não revelam problemas de ajustamento (Caldwell & Guze, 1960; Gath, 1972, cit. por McHale & Gamble; 1989) enquanto outros, nomeadamente os de Grossman, Cleveland e Miller (1972, 1977; cit. por McHale & Gamble, 1989) sugerem algumas dificuldades nalguns aspectos associados ao bem-estar.

A partir dos estudos apresentados, formulámos como objectivos da presente investigação: 1) a análise da relação entre a deficiência de um irmão e a auto-estima e o autoconceito, e 2) a análise da relação entre a percepção da qualidade das relações familiares e as auto-representações.

MÉTODO

Participantes

Participaram neste estudo 10 irmãs e 14 irmãos, de pessoas com deficiência (com idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos), residentes nos distritos de Lisboa e Viseu.

Tabela 1 - Distribuição dos irmãos, por tipo de deficiência

| Tipo de Deficiência | Nº de sujeitos |
|--|-----------------------|
| Deficiência motora | 2 |
| Espectro do Autismo (Autismo e Asperger) | 6 |
| Multideficiência | 5 |
| Não especificada | 4 |
| Paralisia Cerebral | 4 |
| Síndrome do X-Frágil | 1 |
| Síndrome Simpson-Golabi-Behmel | 1 |
| Trissomia 21 | 1 |

Instrumentos

Na recolha de dados foram utilizadas duas escalas: uma para avaliar a auto-estima e o autoconceito (Alves-Martins et al., 1995; Peixoto et al., 1996) e outra para avaliar a percepção da qualidade da relação familiar (Peixoto, 1999). Foi também utilizado, complementarmente às escalas referidas, um questionário de caracterização dos participantes.

A escala de autoconceito e auto-estima é constituída, no caso da versão para crianças (aplicada dos 10 aos 12 anos de idade), por 36 itens que avaliam 6 dimensões do auto-conceito (competência escolar, competência académica, aceitação social, comportamento, aparência física e auto-estima) e 10 itens que avaliam a importância dada a essas mesmas dimensões. No caso da versão para os adolescentes, a escala contempla 40 itens que avaliam 8 dimensões do auto-conceito (para além das referidas anteriormente inclui também a atracção romântica e amizades íntimas) e 14 itens que pressupõem a inferência sobre a importância atribuída a essas dimensões. As afirmações que pretendem avaliar as dimensões do auto-conceito são similares para qualquer uma das versões (por ex.: “*Algumas crianças gostam de brincar na rua nos seus tempos livres MAS outras gostam mais de ficar em casa a ver televisão.*”) e implicam que o sujeito escolha com qual das opções se identifica mais, indicando se consideram que são “*tal e qual assim*” ou se são “*um bocadinho assim*”. Cada item foi cotado de 1 a 4, significando a

pontuação 1 uma baixa competência percebida e a pontuação 4 uma alta competência percebida. Neste estudo, a consistência interna, para cada uma das sub-escalas, variou entre 0.70 e 0.94. A escala de percepção da relação com a família é constituída por 35 itens, que avaliam 4 dimensões (suporte afectivo, suporte nas tarefas escolares, aceitação e autonomia). Para os itens apresentados (por ex. “*Alguns jovens sentem que os pais os compreendem*”) pede-se aos sujeitos que se posicionem face às mesmas, indicando se consideram que é “*exactamente como eu*” ou se é “*completamente diferente de mim*”. Tal como na escala anterior, para a análise dos dados, os itens foram cotados de 1 a 4, significando a pontuação 1 uma percepção mais negativa da qualidade do relacionamento e a pontuação 4 uma percepção mais positiva da qualidade do relacionamento. A consistência interna dos itens, nesta investigação, variou entre 0.72 e 0.89, com um alfa de Cronbach de 0.93 para o total da escala.

Procedimento

Os dados foram recolhidos, através dos questionários apresentados anteriormente, por intermédio de instituições previamente contactadas para esse efeito. Assegurou-se aos participantes a confidencialidade das suas respostas. Os dados foram tratados através do programa SPSS, versão 17.0 para Windows.

RESULTADOS

Para a análise do primeiro objectivo começámos por examinar as diferenças na auto-estima em função da visibilidade da deficiência (visível vs. não visível). Para esse efeito recorremos ao teste não-paramétrico Wilcoxon-Mann-Whitney (tabela 2). Verificámos que apesar de existirem diferenças entre os dois grupos, estas não são estatisticamente significativas, $U(N=19) = 0.851$, $p = 0.395$, evidenciando que, para estes participantes, o tipo de deficiência do irmão (visível vs. não visível) não produz efeitos sobre a auto-estima.

Tabela 2 - Média e desvio-padrão na auto-estima, em função do tipo de deficiência (visível e não visível)

| | Tipo | N | Média | DP | DM |
|-------------|-------------|----|-------|-----|-----|
| Auto-estima | Não visível | 6 | 3,23 | ,29 | ,12 |
| | Visível | 13 | 3,35 | ,59 | ,16 |

Para além da relação entre a visibilidade da deficiência e a auto-estima, foi também avaliado o efeito da frequência de um grupo de apoio específico para irmãos com deficiência, na manutenção da auto-estima dos mesmos. No entanto, não se verificaram diferenças

estatisticamente significativas ($U(N=24) = 1,102, p = 0.271$) entre os dois grupos comparados (tabela 3).

Tabela 3 - Média e desvio-padrão na auto-estima, em função da frequência ou não de um grupo de apoio, específico para irmãos de pessoas com deficiência

| | Grupo apoio | <i>N</i> | Média | <i>DP</i> | <i>DM</i> |
|-------------|-------------|----------|-------|-----------|-----------|
| Auto-estima | sim | 20 | 3,26 | ,64 | ,14 |
| | não | 4 | 3,00 | ,00 | ,00 |

Por último, no que respeita ao primeiro objectivo, procurámos analisar a relação entre a diferença etária (relativamente ao irmão com deficiência) e a auto-estima e as dimensões do autoconceito. Para o efeito construímos uma variável constituída pela diferença de idade entre os irmãos, em valor absoluto, expressa em anos. Para a análise recorremos ao coeficiente de correlação de Pearson. Os resultados revelaram a existência de associações positivas da diferença etária com a auto-estima e com a dimensão comportamento (Tabela 4). Estes resultados permitem inferir que quanto maior for a diferença etária entre os irmãos, quer eles sejam mais velhos ou mais novos, mais elevada será a auto-estima e mais positiva a percepção do comportamento.

Tabela 4 - Correlação da auto-estima e da auto-percepção do comportamento com a diferença etária entre os irmãos

| | Diferença etária |
|---------------|------------------|
| Auto-estima | ,46* |
| Comportamento | ,52** |

* $p < .05$; ** $p < .01$

No que se refere ao segundo objectivo começámos por analisar a relação da percepção da qualidade das relações familiares, em termos globais, com a auto-estima e as dimensões específicas do autoconceito. Para o efeito, recorremos ao coeficiente de correlação de Pearson que nos permite verificar as associações positivas entre a percepção da relação familiar e a auto-estima ($r=0.66, p<0.01$). No que se refere ao autoconceito verificámos a existência de relações positivas com a percepção de aceitação social ($r=0.56, p<0.01$) e do comportamento ($r=0.46, p<0.05$) (tabela 5). Neste sentido, podemos afirmar, que para este grupo de participantes, aqueles que têm uma percepção da relação familiar mais positiva, têm uma auto-estima mais elevada, assim como auto-percepções mais positivas da sua aceitação social e do seu comportamento.

Tabela 5 - Correlação da percepção da relação familiar (PQRF) com a auto-estima e as auto-percepções de aceitação social e comportamento

| | Auto-estima | Aceitação Social | Comportamento |
|------|-------------|------------------|---------------|
| PQRF | .66** | .56** | .46* |

* p < .05; ** p < .01

No que se refere à associação entre as dimensões da percepção da qualidade das relações familiares e a auto-estima verificamos (Tabela 6), a existência de associações positivas entre todas as variáveis. De entre as várias dimensões é a Aceitação aquela que apresenta valores de correlação mais elevados ($r=0.66$, $p<0.01$).

Tabela 6 - Correlação da auto-estima com as dimensões da escala de percepção da qualidade da relação familiar

| | Aceitação | Suporte afectivo | Suporte tarefas escolares | Autonomia |
|-------------|-----------|------------------|---------------------------|-----------|
| Auto-estima | .67*** | .58** | .42* | .53** |

* p < .05; ** p < .01; ***p<.001

Por último analisámos as relações entre as dimensões do autoconceito e as dimensões da percepção da qualidade da relação familiar. A análise da tabela 7, permite constatar que as dimensões da percepção da qualidade da relação familiar que se encontram associadas ao autoconceito são a Aceitação, o Suporte Afectivo e o Suporte nas Tarefas Escolares. Assim, a Aceitação encontra-se positivamente associada à percepção de Aceitação Social e de Comportamento enquanto que a Percepção da existência de Suporte Afectivo se associa positivamente, também, com a Aceitação Social e com a Aparência Física. Por seu turno, a Percepção de Suporte nas Tarefas Escolares relaciona-se positivamente com a Aceitação Social e com o Comportamento.

Tabela 7 - Correlação das dimensões do autoconceito com as dimensões da escala de percepção da qualidade da relação familiar

| | C. E. | A. S. | C. A. | A. F. | Comp. |
|-------------------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Autonomia | ,09 | ,22 | ,40 | ,25 | ,23 |
| Aceitação | ,12 | ,51* | ,35 | ,35 | ,42* |
| Sup. Afectivo | ,15 | ,51* | ,34 | ,43* | ,35 |
| Sup. Tarefas Esc. | ,18 | ,45* | ,23 | ,32 | ,42* |

* p < .05

C. E. - Competência Escolar, A. S. – Aceitação Social; C. A. - Competência Atlética; A. F. – Aparência Física; Comp. - Comportamento

DISCUSSÃO

Enunciámos como primeiro objectivo deste estudo a análise das relações entre a existência de deficiência num irmão e a auto-estima e o autoconceito de crianças e adolescentes. Relativamente a este aspecto, vários são os estudos que associam a aparência física à auto-estima, no entanto, poucos são aqueles que avaliam o impacto da aparência física de uma pessoa com deficiência, na auto-estima do seu irmão. Farber e Grossman (1962, cit. por Parks & Burton, 1994), sugerem que quanto mais visível for uma deficiência, mais experiências de stresse a família poderá vivenciar. Nesse mesmo sentido, Grossman (1972, cit. por Parks & Burton, 1994) defende que quanto mais severa for a deficiência, menos os irmãos terão tendência a identificar-se com o irmão ou irmã com deficiência. Apesar dos estudos que sugerem eventuais impactos da deficiência de um irmão sobre a auto-estima de crianças e adolescentes, os resultados apresentados revelam que, para os participantes deste estudo, a auto-estima não é afectada pelo tipo de deficiência (visível vs. não visível).

No que diz respeito, ainda, ao possível impacto da deficiência de um irmão na auto-estima e autoconceito de crianças e adolescentes, e aproveitando o facto de alguns dos participantes do estudo frequentarem um grupo de apoio para irmãos de pessoas com deficiência, quisemos verificar se existia alguma relação significativa com a existência ou não de um apoio técnico especializado. A análise realizada permitiu verificar que, efectivamente, apesar de existirem diferenças entre os dois grupos, estas não são estatisticamente significativas.

O último aspecto analisado, no que concerne ao nosso primeiro objectivo, foi o da relação entre a diferença etária (da criança/adolescente para com o seu irmão com deficiência) e a auto-estima e as dimensões do autoconceito. Esta análise permitiu evidenciar a existência de uma relação positiva entre a diferença etária e a auto-estima. No que se refere às dimensões do autoconceito constatámos que a diferença etária se associava positivamente com a auto-percepção do

comportamento. Assim sendo, quanto maior for a diferença etária entre os irmãos, quer eles sejam mais velhos ou mais novos, maior será a sua auto-estima e mais positiva a sua percepção do próprio comportamento. Dito de outro modo, os resultados obtidos suportam a ideia de que quanto mais aproximadas são as idades entre as crianças e adolescentes e um irmão com deficiência menores são os níveis de auto-estima e menos positivas as auto-percepções do comportamento. Numa perspectiva desenvolvimentista, este facto fará sentido se pensarmos que os irmãos em idades próximas poderão necessitar dos mesmos tipos de estímulos, podendo a atenção partilhada e desnivelada ser um factor preditor de uma auto-estima menos elevada.

Neste mesmo sentido, Stoneman e Brody (1993, cit. por Bat-Chava & Martin, 2002) referem que as famílias, que possuem no seu agregado familiar uma pessoa com deficiência, são afectadas por factores contextuais e individuais, como sendo: as características dos irmãos (idade, género, ordem de nascimento), as características das famílias (tamanho da família, etnicidade) e o estilo parental, ou seja, as estratégias utilizadas pelos pais na educação dos seus filhos, incluindo o suporte emocional. De acordo com esta ideia, Menezes (1990) defende que os irmãos mais velhos desempenham, frequentemente, um papel de modelos em áreas onde os pais estão menos presentes.

No que diz respeito ao segundo objectivo enunciado, a análise das relações entre a percepção da qualidade das relações familiares e as auto-representações, os resultados apresentados permitiram verificar a existência de associações positivas entre a percepção da qualidade da relação familiar com a auto-estima e as auto-percepções de aceitação social e do comportamento. Deste modo, os sujeitos com uma percepção da qualidade da relação familiar mais positiva, evidenciaram uma auto-estima mais elevada a par de auto-percepções de aceitação social e comportamento mais positivas. Estes resultados são consonantes com os obtidos em investigações que relacionam a qualidade das relações familiares e as auto-representações de crianças e adolescentes na população em geral (Amato, 1994; Bagley *et al.*, 1999; Gecas & Seff, 1990; Harter, 1990, 1998, 1999; Noller, 1994; Paterson *et al.*, 1995; Peixoto, 2003; Scott & Scott, 1998).

No que se refere a estudos que se debruçam sobre as dinâmicas familiares em que um dos membros é portador de deficiência Graff (2001, cit. por Williams, *et al.* 2002), refere que a coesão familiar e o estilo parental estão bastante associados à auto-estima de um irmão de uma pessoa com deficiência ou doença crónica. Neste mesmo sentido, e tal como referem alguns autores poderá ser a dificuldade de adaptação da estrutura familiar à deficiência, o motivo para um impacto na manutenção do bem-estar e não a própria deficiência em si (Dekker & Koot, 2003; Dykens, 2000; Emerson, 2003; Stromme & Diseth, 2000 cit. por Hastings, 2007)

Relativamente às associações entre as dimensões da percepção da qualidade da relação familiar e a auto-estima verificámos a existência de correlações positivas significativas entre todas as dimensões consideradas, evidenciando-se a dimensão aceitação como aquela que apresenta valores de associação mais elevados. Alguma literatura refere, neste sentido, que muitos irmãos, observados em contextos clínicos, sentem-se negligenciados, em prol de uma maior atenção dada à criança com deficiência (Fisher & Roberts, 1983). Assim sendo e partindo desta ideia, se os jovens percepcionarem que são apoiados pelos seus pais, nas mais diversas áreas (particularmente, neste estudo, emocionais e escolares) e que lhes é dada a autonomia que necessitam, tenderão a ter uma auto-estima mais elevada.

Ao longo de toda a revisão de literatura, foi possível observar que diversos são os autores que utilizam a expressão de “população de risco” para os irmãos de pessoas com deficiência. Efectivamente e se tivermos em conta os resultados obtidos anteriormente, facilmente compreendemos que sem uma rede familiar que proporcione suporte emocional e escolar, é difícil manter uma auto-estima elevada. Em consonância com este facto, alguns autores sugerem que os irmãos de pessoas com deficiência poderiam beneficiar de um acompanhamento especializado (Burton & Parks, 1994).

Sumarizando, se por um lado verificámos que a deficiência não é um factor, por si só, determinante na manutenção da performance pessoal e social dos irmãos, por outro, verificámos que, efectivamente, a percepção da qualidade na relação familiar, o suporte emocional e o suporte nas tarefas escolares, têm uma relação positiva com a manutenção de uma auto-estima elevada. Destas duas ideias, podemos inferir que a deficiência, *per si*, não é determinante na qualidade da relação familiar, sendo, no entanto, o ajustamento dos sujeitos à condição de deficiência, um aspecto importante para a coesão familiar e manutenção de uma auto-estima elevada.

REFERÊNCIAS

- Amato, P. R. (1994). Father-child relations, mother-child relations, and offspring psychological well-being in early adulthood. *Journal of Marriage & Family*, 56, 1031-1043.
- Ablon, S., & Mack, J. (1983). *The development and sustenance of self-esteem in childhood*. New York: International Universities Press.
- Bagley, C., Mallick, K., Verma, G., Bolitho, F., Bertrand, L., Madrid, S., & Tse, J. (1999). Adjustment, stress and family life in adolescents in Canada, Britain, Hong Kong, India, Pakistan and the Philippines. *International Journal of Adolescence and Youth*, 7, 263-278.
- Bat-Chava, Y., & Martin, D. (2002). Siblings relationships of deaf children: the impact of child and family characteristics. *Rehabilitation Psychology*, 42, 73-91

- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *Journal of Early Adolescence*, 11, 56-95.
- Brody, G. (1998). Sibling relationship quality: Its causes and consequences. *Annual Review Psychology*, 49, 1-24
- Burton, S., & Parks, L. (1994). Self-esteem, locus of control, and career aspirations of college-age siblings of individuals with disabilities. *Social Work Research*, 18, 178-185
- Fiamenghi, G., & Messa, A. (2007). Pais, filhos e deficiência: Estudos sobre as relações familiares. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 27, 236-245
- Fisher, J., & Roberts S. (1983). The effect of the mentally retarded child on his siblings. *Education*, 103, 399-401
- Gamble, W., & McHale, S. (1989). Sibling relationships of children with disabled and nondisabled brothers and sisters. *Developmental Psychology*, 25, 421-429
- Gecas, V., & Seff, M. A. (1990). Families and adolescents: A review of the 1980s. *Journal of Marriage & Family*, 52, 941-959.
- Hannah, M., & Midlarsky, E. (2005). Helping by siblings of children with mental retardation. *American Journal on Mental Retardation*, 110, 87-99
- Harter, S. (1990). Causes, correlates, and the functional role of global self-worth: A life-span perspective. In J. Kolligian, & R. Sternberg (Eds.), *Competence considered* (pp. 67-98). New Haven: Yale University Press.
- Harter, S. (1993). Causes and consequences of low self-esteem in children and adolescents. In R. Baumeister (Eds.), *Self-esteem: The puzzle of low self-regard* (pp. 87-116). New York: Plenum Press
- Harter, S. (1998). The development of self-representations. In W. Damon (Series Ed.) & N. Eisenberg (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology: vol. 3. Social, emotional and personality development* (5^a ed., pp. 553-617). New York: John Wiley & Sons.
- Harter, S. (1999). *The construction of the self: A developmental perspective*. New York. Guilford Press.
- Hastings, R. (2007). Longitudinal relationships between sibling behavioral adjustment and behavior problems of children with developmental disabilities. *Journal Autism and Developmental Disorders*, 37, 1485-1492.
- Hattie, J. (1992). *Self-concept*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Karos, L., Howe, N., & Aquan-Assee, J. (2007). Reciprocal and complementary sibling interactions, relationship quality and socio-emotional problem solving. *Infant and Child Development*, 16, 577-596
- King, G., Willoughby, C., & Polatajko, H., (1996). The importance of self-esteem: Implications for practice. *Keeping Current*, 96, 1-4.
- Kramer, L., Kowal, A., & Krull, J. (2004). How the differential treatment of siblings is linked with parent-child relationship quality. *Journal of Family Psychology*, 18, 658-665
- Menezes, I. (1990). Desenvolvimento no contexto familiar. In B. Campos e colab. (Eds.), *Psicologia do desenvolvimento e educação de jovens* (pp. 71-74). Lisboa: Universidade Aberta.
- Morais, A., & Turquin, C. (2006). *Crescer com um irmão "diferente"*. Lisboa: MediaJunior
- Paterson, J., Pryor, J., & Field, J. (1995). Adolescent attachment to parents and friends in relation to aspects of self-esteem. *Journal of Youth and Adolescence*, 24, 365-376.

- Peixoto, F. (1998). Auto-conceito(s), auto-estima e resultados escolares: A influência da repetência no(s) auto-conceito(s) e na auto-estima de adolescentes. In M. Alves-Martins (Ed.), *Actas do IX Colóquio de Psicologia e Educação* (pp. 51-69). Lisboa: ISPA.
- Peixoto, F. (1999). Escala de percepção da relação com a família. In A. Soares, S. Araújo & S. Aires (Eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e contextos* (pp. 468-474). Braga: Associação dos Psicólogos Portugueses.
- Peixoto, F. (2003). *Auto-estima, autoconceito e dinâmicas relacionais em contexto escolar: Estudo das relações entre auto-estima, autoconceito, rendimento académico e dinâmicas relacionais com a família e com os pares em alunos do 7.º, 9.º e 11.º anos de escolaridade*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade do Minho, Braga.
- Peixoto, F., & Almeida, L. (1999). Escala de autoconceito e auto-estima. In A. Soares, S. Araújo & S. Aires (Eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e contextos* (pp. 632-640). Braga: Associação dos Psicólogos Portugueses.
- Scott, R., & Scott, W. A. (1998). *Adjustment of adolescents: Cross-cultural similarities and differences*. London: Routledge.
- Volling, B., & Blandon, A. (2003). *Positive indicators of sibling relationship quality: Psychometric analyses of the sibling inventory of behavior (SIB)*. Conference conducted for the Child Trend's Positive Outcomes.
- Wasserman, R. (1983). Identifying the counseling needs of the siblings of mentally retarded children. *Personal Guidance Journal*, 61, 622-627.
- Williams, P., Williams A., Graff, J., Hanson, S. Stanton, A., Hafeman, C. et al. (2002). Interrelationships among variables affecting well siblings and mothers in families of children with chronic illness or disability. *Journal of Behavioral Medicine*, 25, 411-424.